

CEDI - P. I. B.
DATA 19/08/86
COD. K2-201

Etienne SAMAIN, DE UM CAMINHO PARA OUTRO. Mitos e Aspectos da realidade social nos índios Kamayurá (Alto Xingu). (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, 1980, 2 vol.: Vol.1: Os caminhos, XIV + 188 pp. e Vol.2: Os textos, XX + 336 pp.

SÍNTESE

Os índios Kamayurá, uma tribo de 170 indivíduos, vivem hoje na região dos formadores do Rio Xingu (Mato Grosso). Esta população indígena, de língua Tupi-guarani, vindo das costas litorâneas do Maranhão, emigrou, muito provavelmente a partir do s.18, para instalar-se progressivamente nesta região, onde outros grupos indígenas já a haviam precedido. Apesar da diversidade de origens e de línguas, estas tribos constituem-se hoje numa área cultural definida: as tribos da "área do Uluri" ou as chamadas tribos alto-xingüanas, que ocupam a parte sul do atual Parque Indígena do Xingu.

A dissertação trata essencialmente das relações entre a mitologia dos índios Kamayurá e certos aspectos de sua realidade social. Constitui-se também em uma introdução básica e necessária à leitura crítica de um conjunto de 37 mitos ou versões de mitos inéditos, recolhidos pelo autor em 1977, no decorrer de duas estadas (perfazendo um total de 4 meses) na própria aldeia Kamayurá e apresentados criticamente no segundo volume. Representa, enfim, uma tentativa de leitura interpretativa de dois mitos (o Mito de Ipawu e o Mito da mulher engravidada pela serpente), duas amostras escolhidas em função de uma problemática particular: a singularidade Kamayurá e a procura de sua auto-definição, individual e grupal, em relação às demais tribos xingüanas e ao mundo branco.

O autor defende neste trabalho duas teses, aparentemente banais mas cheias de conseqüências, se se tomá-las a sério. 1) Não se pode estudar significativamente a mitologia Kamayurá (e, acrescenta-se logo, a mitologia de um povo, seja qual for) sem tomar a sério o contexto sócio-cultural amplo (isto é, os traços sócio-culturais determinantes do grupo) e circunstancial (ou seja, o contexto sempre particular ao qual fica ligado o enunciado verbal) de sua produção. Além disto, deve-se ficar atento a diversos outros fatores tais como: o jogo dos interesses pessoais, a posição social do narrador, o teor de seu auditório, as cargas emocionais e afetivas que ambos carregam...enfim, à multiplicidade das circunstâncias nas quais o mito é re-produzido dentro e para a comunidade da qual emana e se nutre, e que, ao mesmo tempo, ele informa e recria constantemente. 2) Há de se levar a sério o fato de que os mitos narrados não são "textos", e sim "enunciados", uma "fala viva", distintivo cultural fundamental para sociedades ágrafas. Isso significa que as narrativas de sociedades sem escrita obedecem a uma lógica própria que não é necessariamente a lógica que preside às produções escritas. Uma análise interpretativa dos mitos tem que se dar conta dessa peculiaridade essencial.

Essas duas teses definem a estrutura e a organização do primeiro volume desta dissertação. Na primeira parte (intitulada "Mapas de viagem"), o A. procura fornecer ao leitor um quadro geral de informações relativas à sociedade

Kamayurá. Numa tentativa de síntese, que vai do final do século passado (as primeiras expedições alemãs de von der Steinen, Meyer e Schmidt) até esses últimos anos, -reunindo uma ampla bibliografia -, o pesquisador belga analisa uma série de tópicos fundamentais para o estudo da mitologia Kamayurá, a saber a análise dos espaços significantes (a aldeia e seus arredores), os quadros de subsistência material, a vida cerimonial e o mundo dos "espíritos", as forças de poder e os papéis sociais. Ele dá, enfim, um relevo particular à questão das diferenças existentes entre as chamadas tribos xingüanas. Discutindo com E. Galvão e autores mais recentes, mostra que, até um certo ponto, a chamada "área do Uluri" não passa de um mito que o ritual da vida cotidiana encarrega-se de relativizar ao atualizá-lo.

Na segunda parte (intitulada "De um caminho para outro"), ele realiza um balanço crítico no que diz respeito às contribuições teóricas relativas à análise interpretativa dos mitos, impondo-se a três novas tarefas. Examina primeiro a situação particular das narrativas míticas no campo das outras produções orais kamayurá e discute algumas das questões que lhes são intimamente relacionadas: o tempo e o espaço mítico Kamayurá; a tradição e a transmissão dos mitos; as técnicas de trabalho e o retrato das personalidades, narradores, narradoras e tradutores com que trabalhou. Em seguida, reúne algumas das contribuições teóricas as mais importantes (Br. Malinowski, E. Leach, Cl. Lévi-Strauss, Jack Goody e Terence Turner) no tocante à análise e à interpretação antropológica dos relatos míticos. Ao discutir com esses autores, o autor dá ao leitor meios não apenas para escolher mas sobretudo para perceber a complementariedade dessas diversas aproximações e a necessidade, diante da qual a antropologia encontra-se, de prolongar e de aperfeiçoar seus métodos.